

POR AMOR E FÉ

The image is a composite. In the foreground on the right, a woman with long brown hair and a somber expression looks down. Her hand is near her chin. The background is a sepia-toned photograph of the Auschwitz concentration camp, showing a long train track receding towards a stone gatehouse with a watchtower. A large, semi-transparent red triangle, a symbol of the Holocaust, is superimposed over the lower-left portion of the background image.

OS DIAS EM AUSCHWITZ

Jamila Mafra



Capa

Allan Cleiton Bitencourt

Revisão e Diagramação

Eduardo Tognon

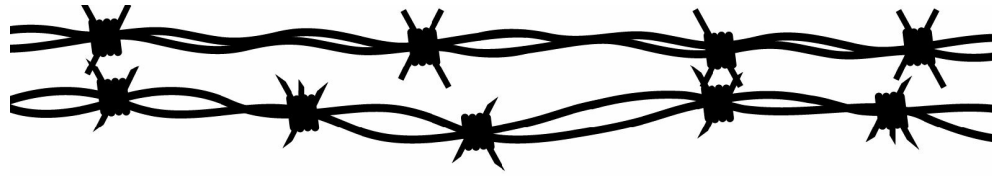
Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, nem a sua utilização, nem a sua transmissão em qualquer forma ou meio, sem autorização prévia da proprietária dos direitos autorais. A infração das condições pode constituir um crime contra a propriedade intelectual.

Esta é uma obra de ficção infanto-juvenil baseada na livre expressão artística e sem compromisso com a realidade. Voltada especialmente ao público pré-adolescente e adolescente, pretende proporcionar, além do entretenimento, o mínimo de reflexão aos leitores, e não retratar com fidelidade o contexto histórico da Segunda Guerra Mundial. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos ou são produto da imaginação da autora ou são usados ficcionalmente. Qualquer semelhança com acontecimentos, lugares ou pessoas reais, vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

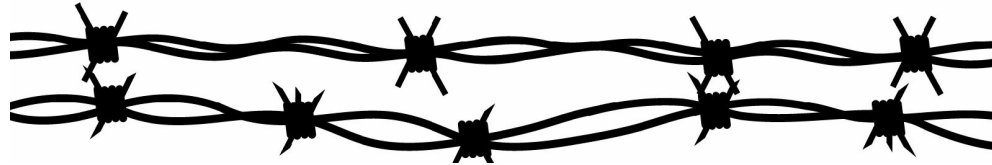
PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



PRIMAVERA

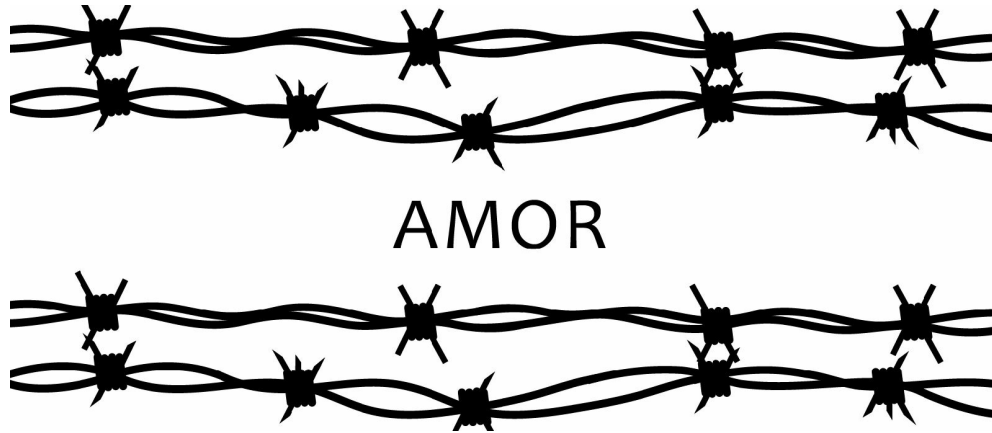


São doces as lembranças daquela primavera, quando costumávamos brincar todas as tardes no jardim de flores coloridas. Havia ainda algumas árvores com maçãs e outras frutas. Tínhamos uma pequena horta com batatas e alguns vegetais. Mamãe era uma mulher dedicada ao lar e à família, além de servir com fervor na obra missionária. Éramos uma família feliz e fiel às nossas crenças. A Alemanha era o nosso país. Vivíamos na cidade de Colônia, no interior, lugar onde vivi bons e maus momentos.

Dançar com as minhas irmãs era um dos meus passatempos favoritos. Me recordo como se fosse ontem quando pegamos algumas flores e fizemos coroas para colocar nos cabelos. Era costume, sempre depois da brincadeira, levar os gansos até o rio que ficava próximo à minha casa. Eles nadavam, e eu e minhas irmãs nadávamos também, nos divertíamos de verdade. Aqueles foram dias memoráveis.

A casa da minha família era conhecida como a “idade de ouro”, isso porque em sua fachada havia um grande letreiro escrito em letras douradas que anunciava a “Sentinela”, revista publicada por nós, Testemunhas de Jeová.

Eu e meus irmãos fomos muito amados por nossos pais. Me sentia feliz em um lar cristão. Sempre estudamos a Bíblia juntos, e aprendemos piano e violino, o instrumento musical preferido do meu pai. Foram ensinamentos que impactariam de modo significativo a minha vida ante os acontecimentos que estariam por vir.



De todas as memórias, os dias mais lindos foram ao lado do meu primeiro namorado e noivo Vagner. Estávamos sempre juntos compartilhando nossas crenças e ideais. Defendemos nosso amor e a nossa fé independentemente do que precisamos enfrentar.

O Vagner também gostava muito de tocar piano. Admirávamos a música clássica. Meus compositores favoritos eram Ludwig van Beethoven e Johann Sebastian Bach. Passamos tardes tocando, algumas vezes até arriscando composições. A música é mesmo uma arte inspiradora e tem o poder de fortalecer as boas lembranças e o amor que existe em nosso coração.

Tivemos um pouco de paz até as coisas piorarem, e as coisas pioraram mesmo a partir do ano de 1939, logo após o início da Segunda Guerra Mundial. Naquele dia, meu irmão mais novo, Charles, chegou machucado da escola. Foi difícil compreender por que aquilo estava acontecendo.

Nunca me esqueço do meu quarto que ficava no sótão da casa. Era o meu refúgio, o lugar onde me perguntei tantas vezes porque os
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

seres humanos eram maus assim. Depois que Adolf Hitler se tornou presidente, tudo havia mudado para sempre. Aos poucos, perdíamos nossa liberdade de culto e de crença. As Testemunhas de Jeová eram um grupo pequeno na Alemanha, mas ainda assim significativo.

— Mia, Mia! – meu irmãozinho Charles entrou em casa correndo, chamando por mim, com tom de voz amedrontado.

— Charles, o que aconteceu? Você está todo machucado! Quem fez isso com você? – perguntei assustada, sentindo piedade do meu pobre irmãozinho.

— Eles me bateram! Eles me bateram! – Chorou desesperado.

Todos os dias, quando as crianças iam para a escola, tínhamos que pensar o que teríamos que enfrentar naqueles momentos de angústia. Éramos fortes, mas a dor muito real. Como não fazíamos saudações à bandeira do país nem dizíamos “Heil Hitler”, agindo diferentemente das outras pessoas, sofremos as consequências. Sofremos agressões físicas. Por esse motivo o pequeno Charles havia sido agredido na escola: ele não havia feito a saudação a Hitler. De imediato, chorei muito ao ver meu irmãozinho padecendo daquela maneira tão cruel e estúpida.

— Mia, o professor parecia um demônio. Ele me disse gritando que eu deveria fazer a saudação a Hitler, repetiu várias vezes “Heil Hitler” e me bateu, me bateu muito. Não quero mais ir à escola – Charles me disse enquanto me abraçava.

Há pouco eu havia completado dezoito anos, já havia terminado meus estudos. Por pouco não tive que enfrentar essa situação dentro da sala de aula por mais tempo. Minha estratégia era sempre chegar atrasada, depois da saudação. Nunca dissemos “Heil Hitler”, porque isso significa “a salvação vem de Hitler”, e nós acreditamos que a

salvação vem por meio de Jesus Cristo.

Diante de todas as minhas crenças e de todos os fatos corridos na época, eu tinha certeza de que o mundo estava sob a influência e domínio do mal. Eu estava lá, eu vi quando as sinagogas foram incendiadas, presenciei a triste cena de milhares de livros sendo queimados apenas pelo fato de terem sido escritos por judeus ou por pessoas contrárias aos ideais do Partido Nazista.

Os alemães pareciam cegos, completamente hipnotizados por uma ideologia injusta e que certamente levaria a humanidade ao caos e à destruição.

Aquele era o começo do que na verdade sempre existiu no coração dos seres humanos: o desejo incontrolável de ser superior, de ser o melhor, de estar acima de tudo e de todos, de ter o poder nas mãos.



Eu preciso dizer como tudo começou. Impossível esquecer aquele ano em que Adolf Hitler tornou-se o Chanceler da Alemanha. A partir de então, as políticas raciais do partido nazista começaram a ser implantadas em todo o país.

Eu ainda era uma adolescente imatura, mas já podia entender que tudo aquilo não terminaria bem. A ideologia hitlerista de intolerância lançou uma campanha com a intenção de destruir as Testemunhas de Jeová. Um ano depois de Adolf se tornar presidente do país, ele proibiu em toda nação ariana as práticas religiosas e pregações de nós, Testemunhas. Meu coração se entristeceu por saber que a minha fé era proibida.

Ainda que minha crença não houvesse sido proibida, eu jamais faria o sinal de saudação a Hitler, e isso porque dentro do meu coração sempre tive a certeza de que o único salvador do mundo sempre foi e sempre será Jesus Cristo. Acredito que esse fato por si só já levaria as Testemunhas de Jeová a serem banidas e perseguidas. Nunca juramos nem jamais juraremos fidelidade a governos corrompidos pelo mal que impera neste mundo.

Minha alma se feriu ao ouvir um dos primeiros discursos de Hitler

sobre a proibição do exercício da fé das Testemunhas de Jeová. Ele disse:

“Esses chamados Fervorosos Estudantes da Bíblia são perturbadores. Considero-os charlatães, não os tolerarei, por suas arrogantes denúncias aos católicos alemães e ao estado de direito. Por isso os dissolvo para sempre da Alemanha.”

Embora eu ainda fosse uma recém-adolescente, o discurso daquele homem impactou minha alma. Senti naquele instante que nada mais seria o mesmo. O Chanceler afirmou que seria feita uma desintoxicação moral e política. Em outras palavras, uma limpeza na arte e manifestações culturais e religiosas. Adolf deixou bem claro que os interesses de seu governo estavam acima de tudo e de todos. O rádio estava ligado. Essas foram algumas das palavras dele:

“O governo da revolução nacional vê fundamentalmente como sua obrigação, de acordo com o sentido da confiança dada pelo voto popular, manter longe da formação da vida da nação aqueles elementos de que consciente e intencionalmente negam esta vida. A igualdade teórica diante da lei não pode resultar na tolerância sob igualdade daqueles que fundamentalmente escarnecem a lei... Simultaneamente com essa política de purificação de nossa vida pública, o governo do Reich procederá um inteiro expurgo moral do corpo da nação. Todo sistema educacional, o teatro, o cinema, a literatura, a imprensa e o rádio – tudo será empregado como um meio para este fim e dessa forma avaliado. Todos estes elementos devem servir para a manutenção dos valores eternos presentes no caráter essencial de nosso povo...”

A palavra purificação não me transmitia paz, pois, ao se dizer que é preciso purificar algo, entende-se que existem impurezas a serem

eliminadas. Nesse caso, as impurezas eram tudo aquilo que desagradasse o governo de Hitler. Ele prosseguia:

“A arte sempre ficará sendo a expressão e o reflexo dos anseios e da realidade de uma época. Atitude neutral e internacional do alheamento está desaparecendo rapidamente. O heroísmo avança apaixonadamente e no futuro moldará e norteará o destino político. A tarefa da arte é ser a expressão desse espírito determinante da época. Sangue e raça serão mais uma vez a fonte da intuição artística. É tarefa do governo providenciar que justamente num período de poder político limitado, os valores vitais internos e a vontade de vida da nação encontrem uma gigantesca expressão cultural. A obrigatoriedade diante desta decisão é expressão de reconhecimento aos personagens de nosso grande passado. Em todas as áreas de nossa vida histórica e cultural, deve ser erigida esta ponte entre passado e futuro. O respeito diante dos grandes homens deve ser ensinado novamente aos jovens como herança sagrada. À medida que o governo está decidido a proceder com a desintoxicação política e moral de nossa vida pública, ele consegue e assegura as condições para uma verdadeira e profunda vida religiosa.”

Um ser humano que pregava o ódio e a morte de pessoas inocentes não poderia querer nenhuma manifestação religiosa que certamente iria contra suas ideologias.



O pior aconteceu. Adolf Hitler tornou-se o presidente da Alemanha. As circunstâncias já apontavam para este fato. Foi então que ele, um homem que um dia sonhou em ser um artista e pintar grandes quadros, começou a levar adiante seu plano de segregação racial, baseado em ideologias eugênicas, segundo a qual todos aqueles considerados uma ameaça à pureza e perfeição da raça ariana deveriam ser eliminados da Alemanha. Isso incluía pessoas com deficiência física e mental, estrangeiros indesejados, judeus, evangélicos, membros de religiões diversas, ciganos, negros, homossexuais e todos aqueles que fossem contra a ideologia nazista.

Adolf prometeu ao povo um país de pessoas perfeitas, segundo seus critérios de perfeição. E, para dar a todos os seus cidadãos esse mundo hipotético e fantasioso, o governo alemão iniciou a construção de campos de concentração. Em outras palavras, presídios de assassinatos em massa foram construídos em larga escala. Dachau foi o primeiro campo de concentração a ser levantado, lugar onde milhares de pessoas foram mortas.

Foi assim que começou uma das mais bárbaras perseguições contra os cristãos no Estado Nazista já registrada na história. O

cristianismo é amor, é tolerância, respeito, caridade, e esses elementos eram incompatíveis com as ideologias nazistas.

Nos anos seguintes milhares de Testemunhas de Jeová na Alemanha, Áustria, Polônia, Tchecoslováquia, Países Baixos e França, dentre outros, foram lançadas em campos de concentração.

As coisas que vi e as notícias que recebi mais tarde entrariam para a história. Assim como judeus e pessoas de outras religiões e etnias, as Testemunhas de Jeová foram assassinadas pelos nazistas nos campos de concentração, e, apesar de toda a dor, a maioria de nós mantivemos fidelidade a Jesus Cristo e a Seu Pai, o Deus único e verdadeiro. Acreditamos que a obediência a Jeová e a seu filho Jesus Cristo nos compele a nos abster de qualquer ideologia política. Nosso reino já tem um Rei entronizado.

O tempo passava de maneira veloz. As transformações sociais na Alemanha eram cada vez mais intensas e significativas. Tudo caminhava para o limite do absurdo.

Junto a toda a política de extermínio e segregação racial, havia ainda o plano de esterilização em massa de todos os homens e mulheres com deficiência mental ou qualquer outra deficiência considerada pelos nazistas como uma ameaça à perfeição da espécie. Segundo a ideologia nazifascista, essas pessoas não deveriam se reproduzir, para que o mundo não fosse ainda mais contaminado pela imperfeição.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Era o primeiro dia do mês de setembro do ano de 1939. Naquele instante, eu terminava mais uma hora de leitura bíblica ao lado do meu namorado Vagner, quando decidi ligar o rádio. Meu coração se assustou com a notícia de mais um acontecimento que marcaria a história da humanidade como nunca antes: o exército alemão havia invadido a Polônia, dando início à Segunda Guerra Mundial. Como se já não bastasse a guerra interna que enfrentávamos, passamos a sofrer os perigos e ameaças de um conflito mundial.

— Se as coisas já estavam ruins, a partir desse momento ficarão ainda piores – eu disse, trêmula enquanto olhava nos olhos do Vagner, que assim como os meus também lacrimejavam.

— A perseguição está se estreitando, mas não podemos perder a fé, meu amor. Nossa esperança tem que estar em um novo mundo – ele me disse, com brilho nos olhos.

— Embora eu tenha certeza disso, ainda assim eu tenho medo. As prisões estão se intensificando. As proibições e restrições de liberdade de culto apavoram meu coração humano e frágil – afirmei, olhando fixamente para a face do meu amado.

— Também me assustam as más notícias, todo esse terror aflige a

alma. Somos um dos vários alvos dessa perseguição. Mas eu estou aqui e prometo te proteger e consolar seu coração. Mia, você é a mulher que eu amo.

— Vagner, eu tenho tanto medo de ficar longe de você, temo que algo nos separe – eu disse, aflita.

— Nada pode separar duas pessoas que se amam. – Ele portava um sorriso singelo.

— Estamos em meio ao caos, diante de um futuro incerto. Temos que pregar nossa fé escondidos, sem que saibam. O governo nos proibiu de propagar o evangelho, nos proibiu até de nos reunirmos publicamente. A realidade me assusta. – Eu estava nervosa, inquieta, minha fraqueza humana aflorava naquele instante.

— Mia, olhe pra mim. – Ele tocou meu rosto. – Sabíamos que seria assim desde que as sinagogas começaram a ser queimadas e as cruzes no topo das catedrais foram substituídas por bandeiras do partido nazista.

— Sim. Querem nos forçar a reconhecer Hitler como salvador, mas sabemos que nosso único salvador é Jesus Cristo – relembrei a nossa fé.

Houve um instante de silêncio. Apenas nos olhávamos.

— Mia, acredito que temos que nos casar logo. Assim podemos ficar juntos pra sempre e nada vai nos separar – Vagner disse, segurando minha mão.

Meus olhos se encheram de lágrimas. O semblante dele estava tão reluzente de amor. Me emocionei, mas o medo ainda me dominava.

— Suas palavras me comovem, mas, ao mesmo tempo em que penso que você tem razão, temo que este não seja o momento ideal para construir uma família. Eu também te amo, não tenho dúvidas

quanto a isso, mas a insegurança dominou meu coração de modo assustador – eu disse, já cabisbaixa diante dos últimos acontecimentos.

Vagner ficou apenas me olhando com seu rosto angelical e olhinhos lacrimejantes. Ele era puro de coração, sensível, amável. Se eu dissesse que ainda não estava preparada para me casar, ele não se importaria e continuaria me amando como sua namorada e noiva.

A verdade era que eu sentia um pânico na alma só de pensar na hipótese de me casar e ter um filho naquelas condições de guerra e perseguição. Por mais que eu amasse aquele homem, não sentia que era o momento certo para me casar. A desolação e a penúria estavam próximas.

Meu amado Vagner, com humildade e delicadeza, segurou minhas mãos e propôs em tom de voz sereno:

— Mia, ajoelhe-se comigo agora. Vamos orar e pedir a Jeová que nos conceda forças e sabedoria para tomarmos as decisões corretas e suportar os momentos difíceis que ainda virão.

— Sim. – Eu sorri, mas na verdade era apenas para disfarçar minhas mãos trêmulas e as lágrimas que estavam prestes a correr pelo meu rosto.

Nós nos ajoelhamos no carpete da minha sala e Vagner proferiu a oração. Ao fim de suas palavras, meus olhos, já cheio de lágrimas, verteram meu choro. Vagner também chorou. Já de pé, nos abraçamos. Foi um dos abraços mais tenros que recebi do homem que tanto amei.

— Nós vamos vencer, meu amor, precisamos ter fé. Continuaremos propagando as palavras das sagradas escrituras do jeito que nos for possível. Serviremos ao nosso Deus e o amaremos acima de todas

PERIGOSAS

as coisas – Vagner afirmou enquanto me abraçava.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Como uma cristã que procurava ser fiel aos ensinamentos de Jeová, eu mantinha a esperança de um novo mundo, um mundo sem as mazelas trazidas pela imperfeição e ganância humana. Não vou mentir dizendo que foi fácil suportar todas as dores que passamos, mas confesso que essa esperança foi o que me deu forças para continuar.

Manter a fé foi fundamental para suportar testemunhar as mais diversas crueldades. Ainda no início da guerra, eu passava o dia todo visitando as pessoas que tinham o desejo de aprender mais sobre a Bíblia.

As palavras de Deus não poderiam permanecer escondidas, ou simplesmente não ditas. Essa era a obra missionária, nosso serviço de pregação que jamais deveria parar. Na maioria das vezes eu era bem recebida.

Isso me faz lembrar muito do Vagner. Ele sempre foi fiel ao trabalho de pregação. Na verdade, eu nunca conheci um homem tão gentil e amoroso como ele. Sim, eu o amei como jamais amei ninguém. A paixão é um sentimento que nos engana, mas o amor não. Eu via no sorriso daquele homem a paz que existia dentro de si. Sinto falta

disso.

Grande parte das publicações que distribuíamos vinha da sede das Testemunhas de Jeová em Nova York. Na Alemanha Nazista as Testemunhas de Jeová eram uma religião ainda muito pequena se comparada ao judaísmo ou mesmo ao catolicismo e outras igrejas protestantes. Éramos apenas vinte mil pessoas. Mesmo assim, Adolf Hitler nos via como rivais às suas ideologias políticas.

Carrego a impressão de que foi ontem o momento em que soldados nazistas iniciaram o confisco de todo nosso material de publicação. Minha irmã estava ao meu lado quando soldados alemães tinham acabado de invadir um Salão do Reino, carregando sacolas com nossos livros e revistas. Em seguida atearam fogo ao local.

— Mia, olha o que está acontecendo bem diante de nós – minha irmã Judite comentou assustada, segurando minha mão com força. Seus olhos lacrimejavam.

— Fizeram isso com as sinagogas, fizeram isso com a ciência, agora estão fazendo conosco, queimando as palavras escritas, palavras ameaçadoras ao seu regime ditador e irracional – eu sussurrei. Minhas palavras já não podiam mais ser pronunciadas livremente em público.

A liberdade de professarmos aquilo que acreditamos é uma necessidade humana de origem divina. Do mesmo modo que milhares de alemães e apoiadores do fascismo eram livres para acreditar e propagar a crença na supremacia de uma raça, nós também deveríamos ser livres para nos manifestarmos contra essa ideologia. Queriam nos destruir.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

As revistas continuavam a chegar de Nova York, mas as mantínhamos escondidas em um local secreto sob as escadas. Frequentemente policiais alemães apareciam para fiscalizarem as nossas casas. Se pegassem o material, certamente seríamos presos.

Havia dez metros de livros escondidos em locais secretos na minha casa. No teto havia outro compartimento. Disfarçamos os locais com pedras e teias de aranha. Os policiais entravam e procuravam por toda parte, mas não encontravam os livros.

Tivemos que cobrir com tinta preta o letreiro em nossa casa, e embora tivéssemos sido proibidos pelo governo de praticar nossas crenças, mantivemos nossas atividades religiosas de modo secreto, dentro dos nossos lares.

— Judite, ande dois ou três metros atrás de mim. Você leva a Bíblia e eu fico sem nada nas mãos – eu orientava minha irmã como tínhamos que fazer para continuar nosso trabalho missionário.

— Certo, Mia – ela me respondia com um sorriso. Assim, discretamente, falávamos com as pessoas sobre as boas novas do reino de Jeová.

Naquele dia havia um homem na rua, e eu não o conhecia, não tinha ideia de quem fosse. Nunca o havia visto naquele bairro da cidade.

Na semana seguinte fomos delatadas a polícia. Aquele homem estranho havia nos denunciado. Fui presa pela primeira vez pela GESTAPO. Apanhei como nunca antes.

Jogaram-me em uma cela fria e queriam que eu confessasse quem mais estava praticando a religião de maneira clandestina. Foram

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

meses de solidão, sem ver meus pais, sem ver meus irmãos, sem ver meu amado noivo Vagner. Mas nada abalava a minha fé. Eu sabia, eu tinha certeza de que Jeová me protegeria; eu estava certa de que, apesar de toda a dor, eu seria poupada de alguma forma.

Meses depois a polícia me concedeu novamente a liberdade com as advertências de que eu jamais voltasse a praticar minha fé.

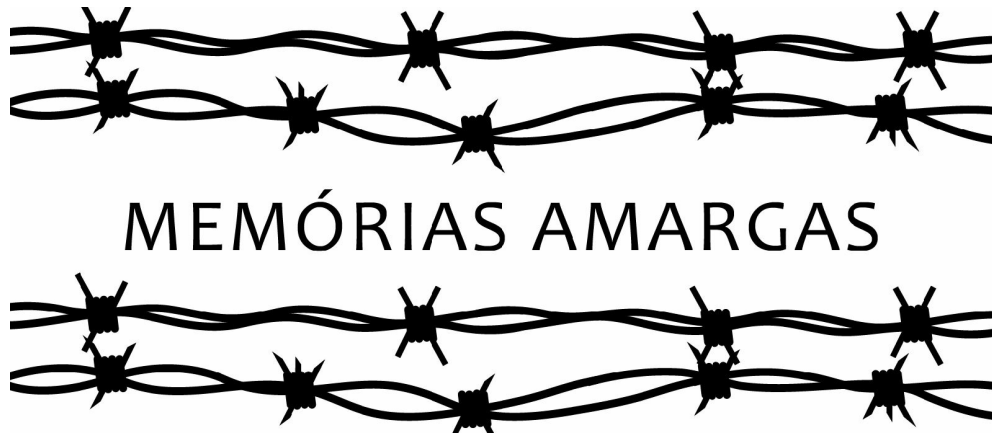
Em 1940 meu irmão mais velho Franz morreu afogado no rio. Esse acontecimento foi um divisor de águas em nossas vidas. Naquela ocasião, a maioria dos alemães estava inflada pelo orgulho nacionalista e iludida pelo progresso econômico proporcionado pelo Terceiro Reich.

A tensão era enorme. Foi então que negros, homossexuais, ciganos, deficientes físicos, dissidentes e principalmente os judeus começaram a ser caçados como animais mais ferozmente do que antes. Eu não consigo me esquecer daqueles caminhões lotados de pessoas inocentes sendo levadas para os campos de extermínio.

Eu tinha amigas judias, eu tinha amigas negras, aquilo não era justo! Éramos vítimas de uma ideologia extremista, de uma falsa ideia que infelizmente ainda permeia a mente humana, permeia o lado mal dos seres humanos. Era como se fosse algo natural com o qual tivéssemos que lutar contra: o desejo de poder, o desejo de ser mais, a ganância desmedida de querer tudo e dominar todos.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Ver todas aquelas crianças sendo levadas cativas por soldados alemães com olhares sanguinários me destruía o coração. O que elas tinham a ver com conflitos políticos ou disputas de poder? Que culpa tinham elas pelo enriquecimento desenfreado dos judeus alemães? Eram apenas crianças.

Tudo o que contrariasse o governo do Terceiro Reich estava sendo eliminado. Foi assim que, aos poucos, nós, as Testemunhas de Jeová, além de perdermos nossa liberdade de crença e de culto religioso, também perdemos nossos empregos, nossas pensões, nossos direitos civis. A GESTAPO aumentou a vigilância sobre nós, queria nos ver mendigando.

Ainda assim permanecíamos vivendo ao máximo nossa vida em família. A nossa horta e jardins com frutas ainda estavam lá. Meus irmãos mais novos foram mantidos protegidos, bem longe da escola.

Mas essa aparente tranquilidade não durou muito tempo. Charles, meu irmão mais novo, aquele que apanhava na escola por não fazer a saudação a Hitler, adoeceu; Aquele dia foi um dos piores que vivemos. Ele estava deitado na cama quando, de repente, um carro parou em frente à nossa casa, e não parecia ser a polícia.

Dois homens entraram de súbito pela nossa porta e queriam de todo modo que Charles fosse com eles. Demonstraram receio quando notaram que ele estava doente.

Eles o levaram a um médico para ter certeza de que Charles poderia ser levado por eles. No fim de tudo, aqueles homens levaram meus três irmãos pequenos para um orfanato da região. O pobre Charles vomitou muito naquele dia. Foi separado cruelmente da família. Ele era o mais apegado a mim.

Dentro do orfanato, logo no início da manhã, um dos homens insistiu para que meus irmãos fizessem a saudação a Hitler, mas eles se recusaram. Eram crianças, mas já possuíam uma fé e força inabaláveis.

Levaram Charles e os outros pequenos para um quarto. Jogaram-nos sobre uma mesa e os espancaram sem a menor piedade. As lágrimas correm pelo meu rosto quando penso em meus irmãozinhos apanhando de modo covarde por homens covardes e sem amor por nada nem por ninguém.

Como poderíamos nos curvar e nos sujeitarmos a um ditador que se dizia o salvador do mundo? Jamais!

Judite e eu fomos embora para Berlim. Passamos um tempo conseguindo escapar da vigilância constante da polícia. Sofria ao pensar em todas as coisas ruins pelas quais meus irmãozinhos estavam passando.

Meu irmão mais velho, Adam, foi lançado na prisão depois de se recusar a servir o exército. Nossas crenças nos impediam de fazer isso. Deveríamos poder escolher o que achássemos correto. Fazer ou não fazer. De modo algum participaríamos das forças armadas, muito menos de um país governado por uma ideologia tão degradante.

Fiquei muito abalada pelo Adam, mas ainda assim tive a certeza de que ele havia feito a escolha certa. Não podemos servir a dois senhores. Aos poucos nossa família foi separada. Meses depois desse incidente meus pais também foram presos. Queriam nos desestruturar para que desistíssemos de nossas crenças e religião.

Adam nos escreveu uma carta que dizia:

“Amados pais, irmãs e irmãos, vocês sabem o quanto são importantes para mim. E eu me lembro disso toda vez que olho para o nosso retrato de família. Tínhamos um lar sempre em harmonia. Apesar de todos esses sofrimentos pelos quais estamos passando, temos que amar a Deus acima de todas as coisas, como o nosso Führer Jesus Cristo nos ensinou. Tenho certeza de que se nos mantivermos firmes ao lado Dele seremos recompensados.”

Como éramos em maioria alemães arianos, algumas vezes permitiam que nós, Testemunhas de Jeová, tivéssemos um julgamento nazista. Tempos mais tarde, o advogado de defesa do Adam nos escreveu dizendo:

“Conversei muitas vezes com seu filho antes de ele ser julgado. Admirei sua calma, confiança e fé. Ele nunca duvidou, mesmo sendo pressionado de todas as maneiras. Adam aceitou calmamente sua sentença de morte recusando mais uma vez a mudar de ideia, recusando-se mais uma vez a abandonar sua fé para salvar sua vida. Momentos antes de sua execução eu segurei sua mão e lhe disse, para tentar consolá-lo, que ele havia sido incrivelmente forte até aquele instante e que então ele continuasse sendo forte naquela hora. Ele apertou minha mão e me disse sorrindo: ‘Doutor, não se aflija, eu estou ganhando a vida eterna, tudo isso é apenas uma transformação.’ Adam ainda me pediu que lhes mandasse suas

lembranças. Ele se manteve de cabeça erguida ao enfrentar sua morte, que foi muito rápida.”



Logo o Terceiro Reich percebeu que não seria capaz de nos intimidar. A morte do meu irmão mais velho me abalou profundamente. Foi difícil aceitar que uma família tão unida e tão feliz como a minha estava sendo separada e ferida de modo tão cruel. Mas minhas lágrimas não foram somente em razão do sofrimento dos meus entes queridos, minhas lágrimas eram o lamento por milhares de pessoas que viviam essa mesma angústia naqueles dias sombrios.

Pouco depois da morte do meu irmão, o Vagner também foi preso pelo mesmo motivo. Ele se recusou a servir o exército, mas não foi executado de imediato, permaneceu encarcerado até ser enviado para o campo de concentração de Auschwitz. Os nazistas queriam nos ver sofrer, não queriam mais que morrêssemos de imediato; eles queriam nos humilhar, queriam nos torturar, tanto física quanto psicologicamente.

O governo de Adolf não tinha escrúpulos. Por vergonha de anunciarem que havia alemães arianos que se recusaram a lutar defendendo o Terceiro Reich, mentiram nos relatórios dizendo que o Adam havia morrido em combate, lutando pela Alemanha Nazista.

A polícia permitiu que pegássemos o corpo do meu irmão para o enterrarmos. Eu, a Judite e meus pais fizemos o funeral. Ao ver o corpo do Adam, ali, dentro do caixão, com as marcas das balas de fuzil, fiquei extremamente chocada. Ele tinha sangue na roupa e na boca. Pensei até que pararia de respirar. Meus pais já estavam emocionalmente combalidos por terem sido separados dos meus irmãos menores, que permaneciam presos em um orfanato, onde foram vítimas de maus tratos.

Todos nós sentimos a dor profunda invadir nossas almas. Queríamos apenas ser felizes e poder servir ao nosso Deus livremente, de acordo com as nossas crenças e convicções.

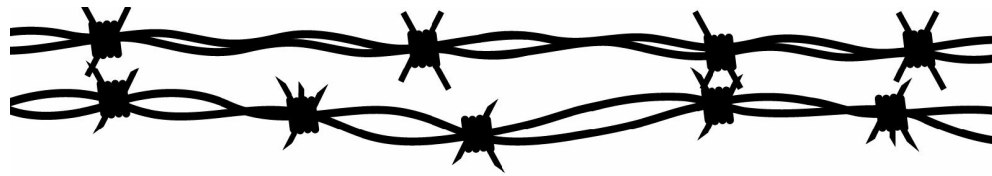
O funeral do Adam foi acompanhado por policiais que nos vigiaram o tempo todo. Meu pai proferiu algumas palavras e, horas depois, apenas por ter proferido palavras de fé e feito uma oração, meu pai foi levado pela GESTAPO. Minha mãe também.

Após alguns dias meus pais foram libertados, mas não por muito tempo. Não tendo se dobrado ao regime, foram presos novamente, assim como a Judite.

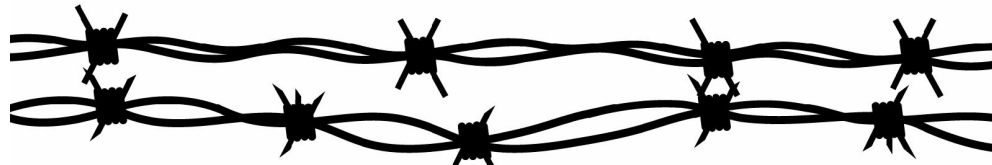
Nossa família estava separada. Até então eu acreditava que escaparia, mas a realidade era outra bem diferente. Soldados nazistas ocuparam nossa casa e passaram a residir nela. Era o adeus ao nosso antigo lar.

Meus pais foram os primeiros da família a serem enviados para o campo de concentração em Auschwitz. Lá as Testemunhas de Jeová eram obrigadas a vestir o uniforme também conhecido como “o pijama listrado”, que possuía uma insígnia específica. Os judeus, por exemplo, faziam uso da estrela amarela, e nós, as Testemunhas de Jeová, um triângulo roxo.

No campo de concentração reconhecemos nossa irmandade através deste símbolo. Não era fácil entender porque tudo aquilo estava acontecendo conosco. Milhares de famílias feridas pela dor física e emocional. Perdemos nossos lares, perdemos pessoas amadas, perdemos alegrias momentâneas, mas não perdemos a nossa fé.



OS DIAS EM AUSCHWITZ



Antes de ser presa e levada para Auschwitz, havia conseguido um emprego em uma floricultura em Berlim. Foi exigido de mim que eu recebesse os clientes com a saudação “Heil Hitler”, mas me recusei a fazer isso. Depois de darem o prazo de dez dias para que eu mudasse de ideia e trabalhar da maneira que me pediram, fui presa. Naquele momento o Vagner já havia sido preso por se negar a servir ao exército.

No início me enviaram a uma fábrica de munição, mas eu também não podia fazer aquilo. Eu não poderia trabalhar para a guerra. Pessoas estavam sendo mortas com aquelas balas, com aquelas armas. Eu não participaria de modo algum daquele genocídio, ainda que tirassem a minha vida.

Assim me enviaram para Auschwitz, depois de me recusar várias vezes a servir aquele governo ditador e cruel, não muito diferente da maioria dos governos da Terra, que enganam, corrompem e destroem.

Dentro daquele trem lotado e abafado, os olhares já eram de
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

desespero. O medo do porvir, do desconhecido, abalava nossos corações. Lutei com todas as forças para manter minha fé e equilíbrio no instante em que fecharam as portas daqueles vagões. Não foi nada fácil. Afinal, eu também sou humana, com temores e fraquezas, como qualquer outra pessoa nessa Terra.

Soubemos desde logo que éramos prisioneiros. Não esperamos um bom tratamento, tampouco imaginamos os horrores que veríamos a partir daquele momento.

Todos os recém-chegados a Auschwitz passavam por uma minuciosa triagem. Soldados das SS definiam quem de nós estaria apto ao trabalho, e quem de nós morreria de imediato.

Aqueles não habilitados aos trabalhos forçados eram enviados diretamente para as câmaras de gás, onde eram assassinados de modo covarde. As câmaras pareciam banheiros com chuveiros, tudo feito para enganar as vítimas, que inocentemente acreditavam que estavam a caminho de um simples banho.

Os objetos das vítimas das câmaras de gás eram todos confiscados, em seguida encaminhados para o depósito Canadá, e posteriormente enviados à Alemanha. A palavra “Canadá” significava riqueza para nós, prisioneiros.

Logo que cheguei a Auschwitz recebi meu pijama com o triângulo roxo à esquerda do peito. Muitas vezes eu prendia ou costurava o triângulo na minha própria roupa. Esse era símbolo pelo qual nós, as Testemunhas de Jeová, éramos identificados no campo.

Muitos culpam a religião e até mesmo Deus pelas maldades cometidas pelas mãos humanas, mas as maldades cometidas pelo homem pertencem somente ao homem. Ideologias e ideias são apenas palavras, cada indivíduo é que decide se irá ou não as

obedecer.

Todos aqueles selecionados para o trabalho forçado recebiam um registro e uma tatuagem no braço esquerdo com um número, que servia como um código de identificação.

Apenas as prisioneiras judias tinham a cabeça raspada. Eu era alemã ariana considerada apenas uma rebelde, culpada de subversão. E tudo aquilo só porque me recusei por várias vezes a fazer a saudação para Hitler e a trabalhar para o Estado.

No campo de concentração fiz amizade com a Sabine, uma judia fervorosa, mas com o coração destroçado por ter visto toda a sua família morrer, e também com Helene, uma ariana ateia que havia sido presa por subversão. Ela lutou contra o nazismo e teve seu esconderijo descoberto.

Fomos escolhidas para participar de uma pequena banda, formada para tocar músicas clássicas para os oficiais nazistas do campo que precisavam se distrair ao fim do dia. Prisioneiros com talentos eram usados para servirem aos interesses dos nazistas dentro da prisão.

Eu tocava muito bem música clássica ao piano. Passávamos o dia todo dentro de uma sala, uma espécie de galpão mal-acabado, ensaiando as músicas e apresentações. Nossa regente era pressionada a nos fazer tocar cada vez melhor para que agradássemos aos comandantes e demais oficiais. Se errássemos poderíamos até morrer. Enquanto fomos úteis permanecemos vivas.

Ainda me lembro da primeira vez em que vi a Sabine. Foi durante a triagem, momento em que ela teve sua cabeça raspada.

Tudo lá era terrível e o fim de tarde estava cinza. Tudo era triste e tenebroso naquele ambiente de escravidão e tortura. Em Auschwitz pude sentir o cheiro da fumaça de corpos carbonizados que dominava o ar.

Uma rápida vertigem acometeu-me de maneira súbita, a sensação de que o lugar transmitia um pesar de dor. Vi os pavilhões por dentro e constatei que aquilo era uma grande loucura de extermínio em massa.

Nem mesmo a angústia, nem mesmo toda a humilhação que recaíra sobre nós, foram capazes de nos desanimar. Nada abalou a nossa fé, a nossa crença no amor de Jeová.

Em minha mente orei todos os dias para agradecer a Deus por Ele estar sempre comigo. Eu sentia a solidão que os males humanos traziam ao coração, eu sentia saudade da minha família, eu sentia saudade do homem que eu amava, porém sentia também a paz divina que vem só por meio da perseverança por trilhar o caminho mais difícil e mais compensador no final.

A cada instante eu me lembrava das palavras do meu irmão Adam em sua carta de despedida. Antes de ser executado pelos nazistas, ele havia partido com a certeza de que receberia a vida eterna. Não temeu a morte, não temeu as perdas, enfrentou o pior até seu último suspiro.

E tudo o que eu tinha que fazer era suportar os dias em Auschwitz, que eram amargos e cinzas mesmo quando o sol brilhava.

Mas nós, as Testemunhas de Jeová alemãs e arianas, tínhamos um privilégio durante a Segunda Guerra Mundial. Diferentemente dos outros prisioneiros, nós poderíamos ser libertados a qualquer

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

instante. Para isso bastaria que negássemos nossa fé, nossas crenças e a própria existência de Deus.

Sim, era desse modo que tudo acontecia. Nos chamavam para uma conversa e faziam a oferta. Colocavam diante de nós um papel, uma declaração que tínhamos que assinar. Naquele pedaço de papel estava escrito que renunciávamos e negávamos nossas crenças em troca da liberdade.

Por medo da morte e da dor alguns assinaram. O Terceiro Reich tinha prazer em nos humilhar, tinha prazer em ver o medo e o desespero estampado nos olhos de muitos, o medo da solidão, o medo da distância, o medo da morte. Eles queriam nos fazer perceber que estavam rebaixando nosso Deus. Era como se cuspissem na nossa cara e gritassem que eles é que tinham todo o poder da vida e da morte. Sempre que alguém assinava a declaração eles se sentiam vitoriosos.

Certo dia a regente Magdalene se irritou, nos deixou sozinhas naquele galpão e trancou-se em seu quartinho. As meninas não conseguiram acertar as notas. Era o medo de que logo seríamos exterminadas. Helene virou-se em minha direção e perguntou com olhos arregalados e lacrimejantes:

— Mia, se você assinasse aquele papel, acredita que seu Deus te perdoaria?

Percebi a dor no semblante dela e respondi com segurança:

— Tenho certeza que sim, Ele me perdoaria. Mas o problema é que eu não me perdoaria. Eu seria livre fisicamente, mas minha mente estaria aprisionada pela culpa para o resto da minha existência.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não te parece cruel existir um Deus que pode tudo, mas que não interfere pra livrar seus filhos de toda essa maldade que estamos vendo ao nosso redor? – Ela demonstrou revolta contra tudo que estávamos passando.

— Cruel é a atitude humana. Você está certa quando diz que Deus pode tudo, no entanto, mesmo podendo, Ele não vai interferir, simplesmente porque isso seria injusto. Helene, nós, seres humanos, precisamos ser responsabilizados pelos nossos atos, sejam eles bons ou maus. Precisamos arcar com as consequências dos atos e escolhas que fazemos. Ser obrigado a fazer ou a deixar de fazer algo é uma ditadura, como essa que estamos enfrentando agora, e Deus não é um ditador, Ele não comanda as nossas vidas, apenas nos mostra o caminho, o seguimos apenas se queremos. Se Ele comandasse nosso destino não haveria livre arbítrio.

— Deus tem muitos advogados que justificam Sua omissão aqui na Terra.

— Deus não precisa de advogados.

— Não é o que parece, Mia.

— Se tem alguém aqui tirando nossa liberdade de escolha, esse alguém é um governante ditador chamado Adolf, não é Deus. Olha só pra mim! De certa forma, eu escolhi estar aqui agora. Eu poderia ter feito as saudações a Hitler, eu poderia ter aceito trabalhar naquela fábrica de armamento bélico, eu poderia ter assinado aquele papel negando a minha crença, e agora eu estaria livre, vivendo bem. No entanto, eu escolhi não fazer nada dessas coisas e aqui estou. Mas você não acredita em Deus e está aqui também. Não é mesmo? – eu disse.

— Sim, estou aqui, assim como você e tantas outras vítimas.

— Sabe por quê?

— Por quê? – Helene olhava fixamente para o meu rosto.

— Porque defendemos a nossa liberdade de crer ou não crer, nossa liberdade de não concordar com o que eles estão fazendo com milhões de pessoas inocentes. É por isso que nós estamos aqui presas. Milhares de pessoas estão morrendo para não serem escravas de uma decisão covarde – respondi.

— E se esse for o fim de tudo? – ela perguntou com lágrimas escorrendo pela face.

— Seria desesperador acreditar que esse é o fim de tudo. Seria desesperador acreditar que tudo acaba aqui, desse jeito cruel e desumano. Eu tenho fé, eu tenho certeza de que esse não é o fim. Haverá uma nova chance para esse mundo e para todos aqueles que forem fiéis e suportarem a maldade que nos sobrevém.

— Seria mesmo muito cruel que tudo acabasse assim, seria cruel demais que esse fosse o fim das nossas vidas pra sempre.

— Esse não é o fim. Haverá um novo mundo e uma nova vida. E é por isso que eu não assino aquele papel, é por isso que jamais afirmarei que Hitler é o nosso salvador, é por isso que eu não contribuo em nada para essa guerra absurda.

— Mia, eu queria muito acreditar que esse Ser superior existe de verdade e que a vida não termina aqui.

— E você pode acreditar, minha amiga.

— A vida lá fora é tão bonita. A natureza, o amor, a beleza das coisas! Tudo parece mesmo ter sido planejado por algo ou alguém. Mas quando a maldade chega e a face obscura humana se revela, toda a beleza e maravilha da vida parece se tornar apenas uma ilusão. – Helene enxugava o rosto molhado pelas lágrimas.

— Eu entendo. O mesmo ser humano que é capaz de amar e construir também é capaz de destruir e odiar. E é contra essa natureza maldosa e degradante que nós temos que lutar todos os dias. Helene, não é fácil. Estou sofrendo tanto quanto você.

— Mas não foi Deus que nos fez assim, com essa natureza dual?

— Não! Ele nos fez perfeitos, mas a escolha dos nossos ancestrais pelo errado fez nosso estado decair, assim como faz todos os dias quando nos deparamos com o mal e optamos por segui-lo e abraçá-lo. Está tudo explicado nas escrituras sagradas.

— Então a dor é inevitável, pois seres imperfeitos cometem erros e na maioria das vezes o mal prevalece sobre o bem.

— Sim, a dor é inevitável.

— É como o mal que eu sinto agora. Se eu pudesse, eu mataria todos esses soldados que estão matando nosso povo, nossas crianças, nossos sonhos.

— Está vendo? Essa natureza maligna de querer matar, essa sede de vingança pode invadir os corações de todos nós, o meu, o seu, e não somente os deles.

— Sim, invade a alma.

— Mas temos que ser fortes pra não desejar fazer o mesmo que eles estão fazendo conosco. Não é fácil, eu sofro. Vi meus familiares e amigos morrerem. Meu coração também está destruído. No entanto, eu ainda acredito e tenho fé em Jeová. Algo aqui dentro do meu coração me dá essa certeza.

— E o que eu faço pra ter certeza?

— Converse com Ele, a certeza virá em seu coração. É um sentimento muito forte, uma esperança maior que tudo, impossível de ser negada.

Helene me olhou por uns instantes. Ficou pensativa.

— Eu vou orar, Mia. Eu preciso de uma resposta. Obrigada pelas palavras, amiga.

Helene e eu nos abraçamos.

Quando sofremos por algo o tempo parece passar devagar. Essa era a minha situação. Aos poucos comecei a sentir o amargo da solidão, saudade da minha mãe, dos meus irmãos e do Vagner. Eu imaginava como seria estar feliz ao lado deles.

Naquela noite tive uma surpresa dentro do campo. Minha mãe e minha irmã Judite foram levadas para lá. Ficamos no mesmo alojamento. Quando as vi entrarem pela porta, fiquei feliz. Ao menos, a partir daquele momento, enfrentaríamos juntas os momentos ruins.

Meu braço ainda estava inchado por conta de uma queda. Mamãe penteava os meus cabelos. Ela foi uma mulher incrível, também manteve sua fé de modo inabalável.

Foi naquele período que recebi a confirmação de que o Vagner também estava preso em Auschwitz. Eu precisava vê-lo, mas isso não seria fácil, talvez nem possível.

O que me manteve firme foi a lembrança dos momentos que vivi ao lado dele e da minha família antes de todas essas coisas tristes acontecerem. Me dei conta de que eu era uma pessoa privilegiada por ter tido em minha vida pessoas que me amaram.

— Estou feliz por estarmos juntas de novo. — Abracei minha mãe fortemente, como se não a visse há muitos anos.

— Sinto muito a falta dos seus irmãos. Mas tenho fé que Jeová os protegerá. — Minha mãe demonstrou sua dor não somente com

palavras, mas também com lágrimas no olhar.

— Sim, mamãe. Ele vai nos proteger. Os meninos vão ficar bem, logo estaremos todos juntos novamente – Judite disse com um sorriso singelo.

Sabíamos do mandamento “Amarás teu Deus acima de todas as coisas e amarás teu próximo como a ti mesmo” e também “Não matarás”. Essas palavras não eram vãs. Tinham que ser seguidas, e a guerra é o contrário do amor. Desde os tempos de Cristo o povo de Deus é perseguido, e se Cristo viesse ao mundo na época atual também seria perseguido e ferido como foi em seu tempo.

Por mais de uma vez me chamaram na sala fria de interrogatório, mas em nenhum momento me mostrei disposta a assinar aquela declaração. Algumas prisioneiras me diziam:

— Assine logo aquele papel e seja livre desse inferno. O que há de errado em fazer isso pra salvar sua vida? É só uma assinatura! Deus não vai te condenar.

— Ele pode até não me condenar, mas a minha consciência vai me condenar. Eu jamais me perdoaria, eu jamais dormiria em paz sabendo que eu neguei minhas crenças diante de um governo corrupto, em troca de uma falsa liberdade.

— Se eu tivesse a oportunidade assinaria sem pensar duas vezes. Esse lugar é horrível, aqui morremos aos poucos – uma das prisioneiras exclamou, tremendo.

Assinar aquela declaração seria como ajoelhar diante da estátua do deus Baal. Além do mais, o que eu faria do lado de fora sem minha família? Eu preferia permanecer presa, sabendo que eu estava sendo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

fiel a Jeová e aos meus familiares. Minha consciência estava tranquila.

Uma das prisioneiras, que era uma mãe desesperada por ter visto seu filho Hans morrer, com lágrimas nos olhos, nos contou a história dele, que também havia sido preso por não aceitar servir ao governo nazista.

— Não podemos desistir da nossa fé, da nossa certeza! Uma certeza que nenhum cético, nem a maldade é capaz de matar. Meu filho Franz foi levado para o campo de concentração de Sachsenhausen. Ele foi perseguido devido às nossas crenças em Jeová. A Gestapo o convocou e pediu que ele assinasse o cartão de identificação militar que o alistaria no exército da Alemanha. Mas meu filho se recusou, e então foi preso e colocado em uma cela fria e solitária. O comandante do campo de concentração pediu que o chefe da polícia alemã matasse o Franz a tiros, na presença de outros prisioneiros, pra servir de exemplo.

— Está vendo como vocês são ingratos com o destino? Vocês têm a chance de escapar daqui, bastando pra isso assinar um papel. Mas se recusam, se recusam a servir o exército, se recusam a uma simples assinatura. Não têm o direito de reclamar. Se o seu filho tivesse se comportado como a lei manda, essa tragédia teria sido evitada. Não tenho pena da senhora nem de vocês todos que estão morrendo em vão por um falso Deus invisível! – uma das prisioneiras esbravejou, tremendo de angústia, demonstrando um ateísmo advindo da decepção.

— Não diga isso. Nós estamos certas. Não vamos nos render. Não

podemos nos trair. Se tivermos que morrer, morreremos todas juntas – a senhora mãe do rapaz morto disse.

— E ganham o que em troca de toda essa valentia? Cabeças cortadas? Uma mansão no paraíso? – outra prisioneira questionou.

— Um mundo melhor, uma recompensa eterna por não nos curvamos diante de uma mentira! – eu interfeirei na conversa, tentando defender a nossa fé um pouco mais.

— Sou ariana. Antes de conhecer esse lugar eu ainda acreditava em Deus. Estou aqui porque ajudei judeus a se esconderem. Acreditava no amor e no bem – Helene se manifestou diante das demais prisioneiras.

— Você fez o correto. Ajudou pessoas a escaparem da morte – Sabine afirmou.

— Mas agora estou aqui vendo uma série de horrores que jamais imaginei presenciar. E me diz, onde está Deus agora? Eu quero uma resposta, mas ainda não recebi. Orei como me dissera, mas nada aconteceu ainda – Helene desafiou descrente.

— Ele está nos abençoando com a oportunidade de exercermos a nossa fé – a Sabine disse, aproximando-se de Helene.

— Sabine, Mia, eu gostaria tanto de ter essa tal de fé. Mas penso que isso não adianta de nada.

— Helene, todos nós seres humanos precisamos de fé pra seguir em frente com nossas vidas. Mesmo você, que agora é ateia, precisa de fé.

— Eu? Preciso de fé?

— Sim. A fé não é uma simples crença, a fé é uma certeza de algo que você ainda não pode ver, mas que é algo verdadeiro, que se espera que aconteça. Tenha a certeza de que tudo acabará bem e

que nós sobreviveremos para experimentar a alegria e a felicidade, ainda que não possamos ver o futuro – Sabine disse, tocando nos ombros de Helene.

— Eu gostaria de ter essa certeza, mas eu não consigo, não nesse lugar horrível – Helene respondeu.

— Todos os dias os seres humanos vivem pela fé, pois a verdade é que ninguém conhece nem sabe o que acontecerá amanhã. Somos obrigados a ter essa certeza dentro de nós. É mais que simplesmente acreditar em algo, mas começa com a simples esperança, com a crença. Tenha esperança, Helene. Eu também estou com meu coração partido. – Sabine demonstrou sua força ao tentar consolar a amiga.

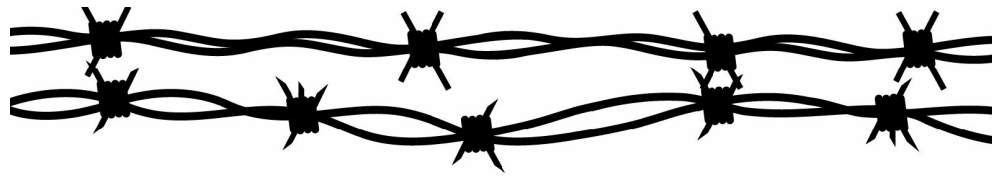
— A fé em Jeová nos enche de força pra suportar cada dia difícil que vivemos aqui. Podemos chorar e continuar seguindo em frente – eu disse, compadecida com nossa situação.

Eu entendia que o sentimento de indignação dominava a maioria dos corações, era difícil compreender como o ser humano poderia ser tão mal daquela forma, torturando e matando pessoas inocentes, crianças que ainda teriam uma vida inteira pela frente.

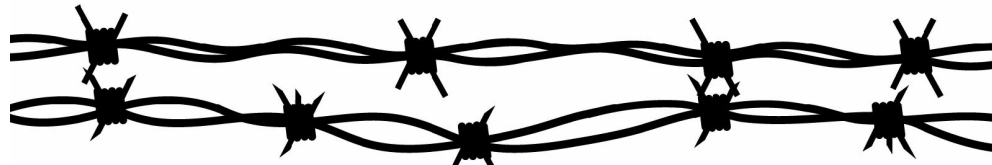
Todo dia o barulho dos tiros e os gritos das vítimas faziam nossos corações acelerarem e nosso corpo tremer de angústia. Nos abraçávamos para sentir o consolo que a amizade proporcionava.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



NOITE DOS CRISTAIS



Dentro do alojamento do campo de concentração, por várias noites, ao me deitar na cama-beliche suja e desconfortável, fechava meus olhos e vinham à minha mente imagens das coisas que aconteceram tempos antes dos fatos culminarem em toda aquela realidade de dor e destruição, uma destruição da vida e da alma.

De novo pude ver as chamas arderem diante dos meus olhos. Berlim havia sido incendiada na noite de 9 de novembro de 1938. O brilho das labaredas era o sinal do ódio que viria dali por diante por parte do governo nazista.

Naquela semana eu visitava alguns irmãos Testemunhas de Jeová na capital. Fizemos planos de continuar nosso trabalho missionário, mesmo diante das perseguições que há tempos haviam começado.

Em todo o país iniciou-se uma onda de violência contra os judeus por parte do governo alemão, mas fizeram com que tudo isso parecesse uma manifestação natural de revolta da população contra o assassinato de um oficial alemão por um adolescente judeu em Paris.

Na época, o ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels, e outros líderes haviam organizado as chacinas contra os judeus muito

tempo antes destas coisas acontecerem, de modo cuidadoso e muito bem planejado. Tudo tinha que parecer algo vindo do povo alemão, uma espécie de revolta popular contra aqueles que, de acordo com o Reich, deveriam ser eliminados.

A partir daquela noite, em questão de dois dias, cerca de duzentas e cinquenta sinagogas foram queimadas, em torno de sete mil estabelecimentos comerciais judaicos foram depredados. Não é preciso nem dizer que durante essas duas noites dezenas de judeus foram mortos, sem contar que cemitérios, hospitais, escolas e casas judias foram saqueados.

O que mais me chocou foi que tudo isso aconteceu diante da polícia e dos bombeiros, que nada fizeram para socorrer as pessoas, nada fizeram para apagar o fogo que consumia a cidade em labaredas de ódio.

Estou apenas contando o que eu vi acontecer, não sei dizer se poderia existir um motivo que justificasse tanta morte e destruição, um motivo que justificasse as atitudes do governo alemão diante dos judeus.

O Terceiro Reich queria sangue, queria mesmo era despertar o ódio nos alemães. Aquela noite em que Berlim ardeu em chamas ficou conhecida como “Noite dos Cristais”, ou ainda como “Noite dos Vidros Quebrados.”

— Milhares de judeus estão sendo presos e mulheres judias também foram detidas e enviadas para prisões locais – minha amiga Margareth entrou correndo pela porta da sala, contando a notícia. Passei uns dois dias em sua casa. As ruas de Berlim já não eram mais tão seguras.

— Depois da noite passada não poderia ser diferente – eu comentei

cabisbaixa.

— Eu queria entender o porquê de tudo isso. Existe algo que justifique tamanha barbárie? – Margareth me perguntou, como se eu soubesse a resposta.

— Não sei dizer se é possível existir uma razão que justifique tanta crueldade. Muitos dizem que os judeus estavam roubando nosso país, dominando nossa economia, tomando conta de tudo o que pertencia aos alemães.

— Mas, Mia, se isso é verdade, por que não apenas exilá-los? Por que não apenas expulsá-los da Alemanha em vez de causarem tanta morte e sofrimento?

— Um governo ditador como esse não se conformaria por apenas exilar os indesejáveis. Temo que agressões como essas cheguem até nós, cristãos.

— Acredito que é só uma questão de tempo para termos que escolher entre a adoração a Hitler ou a morte – Margareth me disse com olhos lacrimejantes e assustados.

— Concordo. Já não tenho nenhuma dúvida de que o coração dos governantes desse mundo pertence ao maligno. Sangue e horror é o que eles querem. – Naquele momento Margareth e eu nos abraçamos.

Após a “Noite dos Cristais”, os adolescentes e crianças judias foram proibidos de frequentar os museus, parques e piscinas, e também foram expulsos das escolas públicas.

Os jovens, assim como seus pais, passaram a viver totalmente segregados naqueles países. Desesperados, muitos judeus cometeram suicídio.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Os nazistas tinham prazer em nos torturar psicologicamente, tentavam fazer com que desistíssemos de nossa fé, debochando de nossas crenças, escarnecendo da existência de Deus. Eles sabiam que o Vagner era meu noivo, sabiam de toda a nossa vida.

Naquele dia nos chamaram na sala de interrogatórios. Vagner e eu entramos naquele local sombrio, onde um dos comandantes do campo de Auschwitz já nos esperava.

Vagner e eu nos sentamos lado a lado. Apenas nos olhamos. Ele estava muito mal fisicamente, pior do que eu, abatido, magro, pálido, parecia muito doente. Quando me viu ele sorriu quase sem forças, carregando claramente a tristeza em sua alma, tristeza que eu também sentia.

O comandante colocou os formulários sobre a mesa, diante de nós, e a caneta estava sobre o papel.

— Aproveitem essa segunda chance. Assinem essa declaração e sejam livres para se casarem e viverem plenamente felizes – ele nos disse, encarando-nos com olhar fulminante.

Vagner me olhou de modo profundo. Naquele mesmo instante me recusei a assinar aquele documento.

— Eu não assinarei essa declaração. Não posso negar minha fé. Não posso mentir – eu disse com voz firme, apesar de estar fraca.

O comandante não gostou da minha atitude de recusar a assinar o documento que poderia me dar a liberdade. Bradou:

— Vocês fanáticos religiosos são ridículos, preferem sofrer e morrer por um Deus invisível que não se manifesta! O Terceiro Reich fez muito mais por vocês do que esse Deus fantasma. Não seja estúpida, mulher! Assine logo esse documento! Apenas uma assinatura e estará livre pra se casar com seu grande amor.

Até aquele momento meu noivo ainda não havia se manifestado. O formulário estava ali diante dele. Vagner estendeu as mãos e meu coração acelerou. Vagner estava mal e talvez não suportasse mais sua situação no campo. Talvez assinasse logo o documento para se ver livre daquela tortura. Confesso que se ele fizesse isso, eu não o condenaria jamais.

A figura que eu via diante de mim era de um homem debilitado, desnutrido, traumatizado devido aos maus tratos, portanto, se o Vagner assinasse, eu o entenderia, eu o perdoaria. Ele era o homem que eu tanto amava. As lágrimas da compaixão correram pelo meu rosto. Minha tortura era aquela: ver o meu homem amado padecendo aos poucos.

Senti muita pena dele. Perdemos a chance de nos casarmos, perdemos nossa juventude, perdemos os bons momentos. Talvez eu estivesse arrependida por não ter me casado com ele antes da nossa prisão. Teriam sido poucos, mas felizes dias como marido e mulher.

Vagner pegou a caneta com mãos trêmulas. Chorei ainda mais. Foi horrível ver o homem da minha vida naquela situação.

De repente, ele atirou para longe aquela caneta e disse com a voz

também fraca:

— Se o preço da minha liberdade é negar o Deus a quem eu sirvo e abandonar a minha fé, então eu prefiro não ser livre. Ainda que eu tenha que morrer, não abandonarei minhas crenças. Não são apenas crenças, são certezas. Eu não assinarei esse documento.

Mesmo com o coração doendo, eu olhei para o Vagner, sorri e lhe disse:

— Isso, meu amor. Esse é o correto. Eu te amo.

— Eu também amo você, Mia. – Ele tocou rapidamente a minha mão.

O comandante deu um soco na mesa. Gritou furioso:

— Pelo seu fanatismo perdem suas vidas! Por uma fantasia! Aceitem Hitler como salvador!

Nossos olhos arregalaram de susto, mas nossos corações permaneceram tranquilos. Fizemos o que era certo. Os olhos do comandante irradiavam ódio.

— Não é uma fantasia! Eu sei que Ele existe. Algo aqui dentro da minha mente e do meu coração confirma isso. O nosso único salvador é Jesus Cristo – eu declarei em tom de voz firme.

— Basta de tanta rebeldia! Vocês vão voltar agora para a prisão e ficarão lá amontoados junto aos outros traidores da pátria alemã! – o comandante exclamou aos gritos.

Vagner e eu nos despedimos com um olhar e um sorriso triste. Aquele foi o último olhar que tive dele, que adoeceu ainda mais e veio a falecer alguns dias depois. Meu consolo foi o fato de que ele havia partido deste mundo fiel às nossas crenças e convicções.

Eu chorei muito pela partida do meu amado Vagner, verti as lágrimas da dor como no momento em que perdi meus irmãos. Eu

amava demais aquele que um dia havia sido meu namorado e noivo. Repito isso porque, na verdade, ainda o amo. O sentimento verdadeiro é uma marca eterna que jamais se apaga do coração.

Mesmo diante de tanta aflição, sigo com a certeza de que ainda nos reencontraremos em um mundo novo, transformado, sem dores, sem mágoas, sem morte, sem ódio. Aqueles tempos de prisão, embora dolorosos, fortaleceram a minha fé.



Com o passar dos meses, ficamos fisicamente mais fracas, mais magras, e eu já me sentia doente. Mas a esperança ainda não havia abandonado o meu coração, eu precisava manter a fé. Logo os sinais de que tudo aquilo estava acabando chegavam.

Ainda meses antes da nossa libertação, os nazistas pretendiam eliminar os prisioneiros doentes, queriam eliminar as provas do holocausto e do genocídio. Prisioneiros arianos foram para o lado direito e os judeus para o lado esquerdo. Os prisioneiros judeus foram conduzidos para serem mortos nas câmaras de gás, que seriam usadas pela última vez. Depois disso as câmaras foram implodidas.

Aquela noite havia sido de intensos bombardeios travados no céu. O exército russo se aproximava e mostrava sua fúria. Estávamos em estado de alerta. As bombas pareciam cair sobre nossas cabeças.

Mas as coisas não foram tão simples assim. Houve muita resistência por parte dos soldados alemães em se entregar, o que resultou na morte de dezenas de pessoas, entre elas soldados

russos, alemães e prisioneiros.

Nós, que estávamos em Auschwitz, pudemos ouvir os tiros dos soldados soviéticos quando recebemos dos comandantes nazistas atônitos a ordem desesperada de retirada. Eles não queriam nenhuma testemunha de suas maldades no momento em que os russos chegassem.

Sob os olhos furiosos dos soldados alemães, fomos forçadas a deixar o campo e a caminhar sem rumo por aquela floresta adentro, dia e noite, sem reclamar. Todos os que não tinham condições de suportar a caminhada eram mortos na mesma hora. Muitos ficaram pelo caminho.

Eu, minha mãe e minha irmã, já cansadas, pálidas e febris, lutamos muito para manter nossos pés sobre o chão e sobreviver. Felizmente fomos alcançadas por soldados soviéticos que estavam à caça dos nazistas genocidas. Os soldados soviéticos trocaram tiros com os soldados alemães, que foram obrigados a se render, pois estavam em menor número. Abaixávamos para não sermos atingidas pelas balas no tiroteio. Os russos chegaram com mais poder de fogo.

Depois de tudo, fomos encaminhadas para carros e caminhões, pelos quais nos conduziram a hospitais. Não foi nada fácil resistir a tudo aquilo sem desfalecer de angústia, mas resistimos todo esse tempo com os olhos fixos na fé, na fé que não pode ser destruída pela pura e simples maldade humana, a fé que nos faz perseverar mesmo quando tudo ainda está escuro e não enxergamos saída.